

# **EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NA LITERATURA FANTÁSTICA: reflexões a partir da jornada do personagem Jon Snow em *As Crônicas de Gelo e Fogo***

## **Education and transformation in fantastic literature: reflections from the journey of the character Jon Snow in *A Song of Ice and Fire***

ALBUQUERQUE, Anderson F. S. de<sup>1</sup>

SANTIAGO, Maria Betânia do N.<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho aborda o significado da educação e sua relação com a literatura assumindo o ponto de vista da *transformação*, analisando essa perspectiva no contexto da jornada do personagem Jon Snow na obra literária *As crônicas de gelo e fogo* de George R. R. Martin. Tais questões se inserem no âmbito do sentido da ética e da moral como anunciadas no pensamento de Nietzsche. É nessa perspectiva que situamos a discussão sobre o papel da literatura na experiência (trans)formativa, partindo da análise do personagem, da trajetória vivenciada ele ao longo da narrativa, compreendendo que, por meio dessas experiências, o indivíduo que tem contato com a obra pode também realizar reflexões sobre a própria experiência pessoal e sobre o contexto social em que está inserido, em razão da potencialidade transformadora da literatura.

**Palavras-chave:** Educação. Transformação. Literatura. George R.R. Martin. Jon Snow.

**Abstract:** The present work addresses the meaning of education and its relationship with literature assuming the point of view of transformation, analyzing this perspective in the context of the journey of the character Jon Snow in the literary work *A Song of Ice and Fire* by George R. R. Martin. Such questions fall within the meaning of ethics and morals as announced in Nietzsche's thinking. It is in this perspective that we place the discussion on the role of literature in the (trans)formative experience, starting from the analysis of the character, the trajectory he experienced throughout the narrative, understanding that, through these experiences, the individual who has contact with the work can also carry out reflections on its own personal experience and on the social context in which it is inserted, due to the transformative potential of literature.

**Keywords:** Education. Transformation. Literature. George R.R. Martin. Jon Snow.

### **1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico do Agreste (CAA).

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Filosofia, Mestre e Doutora em Educação pela UFPE (2008). Atua no Curso de Pedagogia da UFPE – CAA e Docente do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (PPGDH) da UFPE.

O processo educativo possibilita ao sujeito experiências e saberes diversos, que o levarão a se tornar um novo indivíduo a partir das experiências proporcionadas durante os seus aprendizados. Tal educação pode partir de diversos princípios, objetivando finalidades diferentes, ou até considerando que o aprendizado é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida.

Nesse processo ocorre uma transformação de todos os sujeitos envolvidos, e não apenas do educando, apesar de provavelmente ele ser o que passará por mudanças mais significativas, mas também as pessoas que o estiver guiando ou o auxiliando nesse processo. Essa transformação constitui-se numa potência para o indivíduo, levando como essencial para a ação educativa a vontade e a intencionalidade de se (trans)formar.

É a partir dessa ótica que abordamos o significado da literatura neste trabalho. Podemos dizer que ela, de modo geral, descreve experiências de caráter transformador, encontradas em diversos gêneros literários. Tratando-se especificamente da literatura fantástica, compreende-se que ela frequentemente descreve o caminho de mudança pessoal de seus personagens por meio de jornadas repletas de elementos fantasiosos e situações desafiadoras enfrentadas pelas figuras centrais da narrativa. Essas transformações são mais perceptíveis nas séries que abarcam vários livros, a exemplo de “O Senhor dos Anéis”<sup>3</sup>.

De modo geral, todas as formas de literatura, desde obras voltadas ao público infanto-juvenil à clássicos e obras mais “densas” possuem um papel fundamental na formação humana dos leitores que, por meio da reflexão advinda da paixão literária, pode abrir portas para que se tornem indivíduos mais críticos e com maior compreensão a respeito de seu papel na construção de uma sociedade melhor.

É nessa perspectiva que situamos a leitura que realizamos da série de livros *As Crônicas de Gelo e Fogo*<sup>4</sup> escrita por George R. R. Martin, objeto desse estudo. Essa obra traz ao longo de seus até então cinco livros publicados uma história repleta de personagens com diversas faixas etárias e que estão envolvidos em tramas bastante variadas, mas que, no geral, possuem um ponto em comum: durante suas trajetórias a maioria desses personagens apresentam mudanças em suas características, algumas mais radicais e outras mais sutis, que ocorrem por diversos fatores, com o auxílio de outros personagens envolvidos naquele enredo. Compreende-se que as situações que impactam esses personagens e os levam a algum aprendizado e transformação podem também levar o leitor a uma transformação própria, desenvolvendo

---

<sup>3</sup> Obra de J.R.R. Tolkien, composta de três partes: 1ª. “*A Sociedade dos Anéis*”; 2ª. “*As Duas Torres*”; e 3ª. “*O Retorno do Rei*”.

<sup>4</sup> A série de livros será referida daqui para a frente apenas como “*Crônicas*”.

reflexões a respeito de problemas de sua vida pessoal ou questões diversas relativas ao contexto em que está inserido, através do paralelo com situações e dilemas fictícios.

A literatura fantástica nos oferece caminhos que podem nos levar a vivenciar e refletir sobre diversas questões e, no caso específico das *Crônicas*, traz no cerne de sua história muitas discussões que envolvem questões de ordem ética e moral, vistas por variados ângulos e que frequentemente nos levam a refletir e repensar a maneira como enxergamos determinados personagens e tramas – e, conseqüentemente, algumas questões do mundo em que vivemos ou de nossas vidas pessoais – na medida em que ao longo da história nos são dadas diferentes perspectivas.

Os livros que compõem a série são estruturados em capítulos curtos e que seguem o *ponto de vista* (PDV)<sup>5</sup> da personagem em questão, sendo cada um, de modo geral, narrado segundo essa perspectiva e dando foco às situações que estão sendo enfrentadas por essa pessoa, sendo geralmente intitulados pelo nome do personagem em questão. Para fins desse trabalho, foi escolhido o jovem Jon Snow, que tem quatorze anos no início da história. A escolha deve-se à centralidade desse personagem na história, possuindo capítulos PDV em quase todos os cinco livros lançados até então<sup>6</sup>, o que possibilita ao leitor acompanhar as suas transformações ao longo da narrativa.

O caminho percorrido por Jon Snow envolve viagens a lugares desconhecidos; questões políticas e, o mais importante, uma ampla gama de experiências que vão se revelando potencialmente transformadoras; experiências que o auxiliam no aprendizado das regras do contexto em que está inserido, assim como em seu desenvolvimento como sujeito. Em sua jornada ele possui tanto mentores mais velhos, como sujeitos com aproximadamente a mesma idade, que também servem como fontes de aprendizado e vivências diferenciadas que podem levar o leitor a questionar e refletir sobre o papel que as situações que vivenciamos cotidianamente, assim como a pessoas com as quais nos relacionamos, possuem em nossa formação como indivíduos.

Mas quem é Jon Snow? Ele é um dos filhos do lorde Eddard “Ned” Stark, patriarca da família Stark, uma das principais do reino fictício de *Westeros* e a mais poderosa de sua região norte. O lorde Eddard é casado com a senhora Catelyn, com quem teve cinco filhos, porém, Jon é um bastardo, fruto de um período em que Ned estava viajando durante uma guerra, concebido em uma relação (da qual não temos nenhum detalhe) que o lorde nortenho teve com uma mulher

---

<sup>5</sup> A partir daqui referidos como PDV.

<sup>6</sup> Com a exceção do quarto livro da saga, *O Festim dos Corvos*, onde ele aparece apenas brevemente pelo PDV de outro personagem.

desconhecida. Ele tem a mesma idade de seu filho primogênito, Robb, concebido antes que ele partisse para essa mesma guerra. Além de Robb, Eddard e Catelyn tiveram ainda outros quatro filhos: Sansa, Arya, Bran e Rickon. A maioria dos personagens dessa família possui grande relevância na trama das *Crônicas de Gelo e Fogo*, em especial nos três primeiros livros.

Além disso, a escolha desse personagem se dá pois ele passa por mudanças significativas ao longo da obra, e assim ao seu modo de pensar; a maneira como enxerga diversas questões e situações vai sendo modificando com o passar do tempo, mesmo que esse processo ocorre de forma lenta e gradual. Fundamentalmente, o fato de que sua jornada se dá quase como fazendo uma ponte entre dois grupos de pessoas distintos e que possuem um antagonismo histórico, com o qual o próprio Jon concorda e perpetua durante boa parte da história, até o momento em que as circunstâncias e seu aprendizado o fazem chegar à conclusão de que tais disputas precisam ser deixadas de lado.

Isso revela que a transformação pela qual o personagem passa é tão significativa que o leva a buscar mudar também a estrutura da sociedade em que está inserido, estrutura que se perpetua há milênios, o que faz esse caminho de transformação ser tortuoso, repleto de percalços e antagonismos que eventualmente cobram dele um preço muito caro.

Assim, trazemos a seguinte questão condutora do trabalho: Como a literatura fantástica pode nos auxiliar a pensar em uma perspectiva de educação transformadora considerando a jornada do personagem Jon Snow na obra *As crônicas de gelo e fogo*?

A partir dessa questão, o trabalho assumiu como objetivo analisar a jornada do personagem Jon Snow na obra *As crônicas de gelo e fogo* de modo a pensar em uma perspectiva de educação transformadora. Em termos específicos, buscou-se: descrever experiências significativas pelas quais o personagem passa ao longo dos livros, considerando a importância delas nas transformações reveladas por ele; analisar as questões abordadas na jornada do personagem, compreendendo-a como experiência de transformação; e refletir sobre a relevância das questões anunciadas na experiência do personagem para a educação em nossos dias.

Como relevância pessoal, decidi trazer para o debate uma obra de literatura fantástica pela qual tenho muito apreço e com a qual possuo bastante proximidade, a fim de pensar de maneira mais aprofundada sobre determinadas questões que já haviam me ocorrido em outras leituras, mas que não havia abordado com a densidade que um trabalho acadêmico pode oferecer. Quanto a relevância acadêmica, compreendemos que a literatura tem muito a contribuir para nossas reflexões pedagógicas e, sendo esta uma série de livros que, mesmo voltada para o público adulto, possui diversos personagens infanto-juvenis no centro da história, pode oferecer muitas possibilidades de discussão e relação com alguns conteúdos que foram

abordados no Curso de Pedagogia, além de ser uma temática pouco explorada na área da educação. Como relevância social, acredito que o estudo de temática tão relevante, mas ainda pouco abordada no curso, pode contribuir para que essas questões sejam assumidas nessa formação a fim de que ela seja mais completa, e que o (a) discente, e futuro profissional da educação, a partir de saberes mais diversificados, possam também atuar como um pedagogo capaz de pensar as problemáticas presentes em sua área de atuação de forma diferenciada.

Assim, o trabalho está estruturado de modo a oferecer uma contextualização do autor da obra, George R.R. Martin, descrição dos procedimentos metodológicos, seguida da análise teórica, que se divide em três tópicos: o primeiro intitulado “Educação, transformação e Literatura”, aborda o conceito de educação e transformação relacionando com a literatura; o segundo intitulado “Experiência de Jon Snow entre a Patrulha e os Selvagens”, trata das principais questões que envolvem a experiência do personagem entre esses dois grupos de pessoas contraditórios e o terceiro, intitulado “Literatura e transformação: sentidos da experiência de Jon Snow”, aborda a relação entre os conceitos apresentados e a concepção de educação assumida no trabalho. Por fim, trazemos os elementos conclusivos do estudo.

## **2. Breve contextualização sobre autor e obra e procedimentos metodológicos**

George Raymond Richard Martin, mais conhecido apenas por George R.R. Martin, nasceu na cidade de Bayonne, nos EUA, em 20 de setembro de 1948, em uma família humilde. Sua carreira como escritor teve início nos anos 70; nos anos 80 virou roteirista de séries de televisão até que, nos anos 90, começou a escrever a obra que se tornaria seu maior sucesso<sup>7</sup>.

*As Crônicas de Gelo e Fogo* é a série de livros que começou a ser escrita por Martin no início dos anos 90 e que teve seu primeiro livro, *A Guerra dos Tronos*, publicado em 1996. De lá pra cá foram lançados mais quatro livros: *A Fúria dos Reis* (1998), *A Tormenta de Espadas* (2000), *O Festim dos Corvos* (2005) e *A Dança dos Dragões* (2011)<sup>8</sup>. De acordo com o autor, serão publicados mais dois livros que concluirão a história e que ainda estão sendo produzidos, mas até o momento, no final de 2022, ainda sem data de lançamento. A trama se desenvolve a partir de capítulos de “ponto de vista”, onde cada capítulo é apresentado pela experiência de determinado personagem e nomeado de acordo com aquele que o está narrando. A obra possui mais de uma dúzia de personagens que protagonizam esses capítulos ao longo dos livros.

---

<sup>7</sup> <https://www.geloefogo.com/mais-grrm/sobre-grrm>. Acesso em: 10/10/2022.

<sup>8</sup> Daqui em diante os livros serão mencionados apenas pela primeira palavra de seus títulos, da seguinte maneira: *Guerra*, *Fúria*, *Tormenta*, *Festim* e *Dança*.

A saga faz grande sucesso no mundo inteiro, possuindo milhões de exemplares vendidos, alçando Martin à lista dos principais autores de ficção da atualidade e até mesmo o levando a ser considerado um dos principais autores de fantasia de todos os tempos<sup>9</sup>. A fama de sua obra já era grande nos anos 2000, mas cresceu ainda mais quando, em 2011, ela começou a ser adaptada para a milionária série de TV *Game of Thrones*<sup>10</sup>, do canal estadunidense *HBO*, que rapidamente se tornou um sucesso de crítica e público e teve seu desfecho em 2019, após oito temporadas.

A história das *Crônicas* se passa em uma realidade completamente fictícia, e que permite que a obra seja classificada como “Alta Fantasia”, termo utilizado para classificar obras de fantasia que não se passam em versões “paralelas” de nossa realidade, mas sim em universos totalmente diferentes, que até podem revelar semelhanças e inspirações de nosso mundo, mas de modo geral possuem sua própria geografia e história<sup>11</sup>. No caso de *Crônicas*, trata-se de um mundo de estrutura semelhante à nossa idade média e que possui dois principais continentes conhecidos, *Westeros* e *Essos*.

*Westeros* é uma terra frequentemente chamada de “os sete reinos”, devido a um longo período de sua história onde sua divisão geopolítica consistia em sete reinos separados, que viviam em constante conflito. Porém, cerca de três séculos antes do ponto em que a história dos livros tem início, o continente foi invadido e conquistado pelos Targaryens, uma família vinda de uma terra distante e notoriamente mágica que possuía dragões como animais de estimação, assim como a habilidade de monta-los e leva-los para a guerra. Após essa conquista, *Westeros* foi unificada em um só reino, comandado pelos Targaryens durante a maior parte do tempo, entretanto, a denominação “sete reinos” para se referir à região foi mantida por uma questão de tradição. Já o continente de *Essos* possui uma organização diferente, com grandes centros urbanos chamados de “cidades livres”, cada uma com seu tipo de governo e com variados povos e culturas. Não entraremos em muitos detalhes quanto a essa região pois, apesar de ser relevante para a obra de modo geral, é em *Westeros* que a maior parte da trama se passa, especialmente no que diz respeito ao personagem que é o foco desse trabalho.

Quanto à metodologia assumida no trabalho, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que o objeto de estudo está relacionado à interpretação de uma obra literária e à pesquisa

---

<sup>9</sup><https://web.archive.org/web/20081229125934/http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1129596,00.html>. (Acesso em 20/10/22)

<sup>10</sup> <https://www.usatoday.com/story/life/books/2019/06/04/game-thrones-books-reach-new-heights-best-seller-list/1340259001/>. (Acesso em 20/10/22)

<sup>11</sup> São exemplos de histórias de “Alta Fantasia” as obras “O Senhor dos Anéis” (J.R.R. Tolkien) e “A Roda do Tempo” (Robert Jordan e Brandon Sanderson).

de materiais que se relacionam aos temas abordados nela, de modo a construir determinadas reflexões sobre o material analisado. Sobre a especificidade dos estudos bibliográficos, Fonseca (2002, p. 31-32) afirma:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

O trabalho assume uma abordagem hermenêutica, cuja escolha decorre da própria natureza do estudo, que é compatível com o que se busca nos estudos hermenêuticos. Quanto a isso Ghedin (2004, p. 4), destaca:

Estamos, o tempo todo, diante do texto (enquanto fala e discurso do outro) e do contexto (enquanto realidade circundante) ao mesmo tempo que nos fazemos e somos tocados pela dinâmica da realidade que nos esforçamos para compreender. Na verdade, somos parte dela tanto quanto ela passa a fazer parte de nossa existência. Somos tocados pela realidade pesquisada do mesmo modo que pretendemos tocar nela para saber o que é.

Ou seja, por meio de uma abordagem hermenêutica podemos desenvolver uma relação com o texto, buscando compreender o contexto daquela obra, nos inserir nele, fazer parte daquela realidade. De acordo com Ghedin (2004, p. 6), “é possível buscar uma compreensão que possa partir de uma dada particularidade e chegar-se a sua universalidade a partir das relações que estão postas pelos sujeitos da realidade a investigar”. Tratando-se do estudo de uma obra de ficção, essa possibilidade de conexão com a literatura é essencial para que possamos nos relacionar adequadamente com o contexto no qual a história se passa e com as realidades vivenciadas pelos personagens que são o foco específico deste trabalho.

Levando em consideração que toda a obra está estruturada em capítulos de ponto de vista, trazendo a perspectiva de personagens variados, dentre os quais se encontra o personagem Jon Snow, os procedimentos adotados para que possamos responder ao problema posto inicialmente e atender aos objetivos definidos foram: leitura atenta dos capítulos dos livros que compõem as *Crônicas* que são narrados pelo ponto de vista do personagem, procurando nessa leitura as experiências significativas e de caráter transformador; leitura e sistematização do referencial teórico que auxiliou na construção de reflexões acerca dos acontecimentos presentes na jornada desse personagem que estão conectados com a temática selecionada; análise do material pesquisado em relação aos acontecimentos e vivências observados na jornada do personagem e que foram considerados como experiências formativas para esse sujeito.

Para fazer uma análise mais aprofundada da obra, assumimos como foco principal da pesquisa os capítulos de PDV de Jon presentes nos livros *A Tormenta de Espadas* e *A Dança dos Dragões* (respectivamente, livros três e cinco das *Crônicas*), que consideramos trazerem questões e conflitos que impactam o personagem mais significativamente.

As tramas em que Jon Snow está diretamente inserido nessas duas obras envolvem situações de grande impacto para ele, de maneira central abordamos dois momentos: primeiramente, quando ele precisa fingir desertar da Patrulha para espionar os selvagens, grupo rival com o qual estão em disputa durante boa parte da história, o que acontece ao longo do livro três e, posteriormente, sua ascensão à lorde comandante da Patrulha, o que exige dele grande amadurecimento e uma série de decisões que o fazem entrar em conflito com seus parceiros e até consigo mesmo, trama que se passa ao longo do livro cinco.

Faz-se necessário destacar também os principais personagens citados na análise. Afora o próprio Jon, há personagens que interagem com ele e impactam em sua transformação de muitas maneiras. Os principais abordados são: *meistre* Aemon, idoso bastante sábio que cumpre as funções de médico e conselheiro da Patrulha; Ygritte, jovem que faz parte do povo livre e que tem uma breve relação amorosa com Jon e, por fim, o rei Stannis Baratheon, que chega em um momento de virada na trama de Jon e demanda dele mais algumas decisões difíceis.

Além da obra de Martin, o trabalho dialogou com os seguintes teóricos: Barthes (2007) e Santos (2014), falando sobre literatura e educação; Gomezjurado Zevallos (2014), tratando da educação em uma perspectiva de desenvolvimento da sociedade; Nietzsche (2001 e 2000), para pensar a respeito de ética e moral; Rocha (2016), Von Zuben (2013) e Weber (2011), que discutem o pensamento nietzschiano voltado para uma compreensão de educação transformadora; Oliveira (2016) e Vaught (2015), que abordam as *Crônicas* a partir de um ponto de vista filosófico, tratando de questões de ética e moral nesse universo; e Todorov (1975) para conceituar brevemente o que seria literatura fantástica.

### **3. Educação, transformação e Literatura**

A questão da educação é central a este trabalho, por isso é importante compreender o sentido que estamos atribuindo a essa experiência, considerando as concepções dos autores na análise das *Crônicas*. Quanto a isso, Gomezjurado Zevallos (2014), aborda algumas questões apresentadas pelo filósofo Jacques Derrida, enquanto crítica à educação, destacando a relação que o filósofo estabelece com o aspecto de perpetuação de costumes sociais, bem como de construção do futuro.

Seja qual for o momento histórico, sociedade ou cultura, observa-se que a educação, em geral, vem sendo uma prática utilizada, por um lado, para garantir a conservação do passado e, por outro, uma forma de fabricação do futuro. A ideia de conservação do passado é dada pela transmissão da comunicação, de um conjunto de informações passado de geração em geração. Essa ideia de transmissão não é dada somente no âmbito institucional (ensino formal), mas em tudo aquilo que representa a formação do indivíduo, entendido como indivíduo e como ser social. A fabricação do futuro, por outro lado, surge como consequência de um ideal iluminista e positivista de progresso, fundamentada e garantida na eficácia científica para a resolução de qualquer problema. (GOMEZJURADO ZEVALLOS, 2014, p. 39-40)

Nessa perspectiva, a educação que deve ser passada adiante como se fosse uma herança, evidencia um ponto de vista que leva em consideração que tudo que compõe a sociedade possui uma existência prévia e que, com mudanças maiores ou menores, irá continuar existindo. Desse modo, a educação possui uma grande função: transmitir os ensinamentos históricos, preparar o sujeito para o convívio na sociedade em que ele se encontra e desenvolver uma concepção de futuro que se proponha a ser sempre uma “evolução” do presente. Quanto a isso, a autora assinala um outro movimento da experiência educativa, como destacado a seguir:

Como algo herdado, no entanto, algo que requer ser transformado: uma tarefa que solicita uma decisão. Uma ideia de educação questionadora acerca das conclusões apresentadas como sentidos plenos, verdadeiros e dogmáticos dos processos educativos, propondo uma abertura de horizontes e um diferimento constante da conclusão ou de alguma verdade. (GOMEZJURADO ZEVALLOS, 2014, p. 42)

Assim, podemos considerar essa perspectiva de educação como uma “transmissão” de conhecimento, de cultura e costumes, preparação do indivíduo para a vida em sociedade e, por último, mas não menos importante, planejamento de um futuro que será tanto melhor e mais completo se posto em prática por sujeitos capazes de conviver com o outro e aberto às mudanças decorrentes desse encontro.

Essa perspectiva é encontrada na filosofia de Nietzsche, a partir do qual Rocha (2016, p. 2) elabora uma crítica à “natureza metafísica da ideia de formação” que tem orientado a educação. Tal perspectiva, de acordo com a autora, pode ser identificada em três aspectos.

Em primeiro lugar, ela se dirige para um fim transcendente. Seu valor não reside no processo, mas no objetivo a que ele deve conduzir: transformar o sujeito (entendido como conjunto de virtualidades) em membro da polis, homem culto ou civilizado[...]. Trata-se ainda de um processo metafísico na medida em que se funda na universalidade daquilo que se pretende transmitir (a verdade, a moral, o conhecimento). Finalmente, é uma ideia metafísica na medida em que supõe um sujeito como substrato imutável desse processo: na medida em que pretende desenvolver (ou atualizar) capacidades que já existiam em estado latente ou potencial, há algo que permanece idêntico de um cabo a outro do percurso: justamente, o sujeito.

Assim, a autora nos convida a pensar a experiência educativa como um processo amplo, com camadas variadas que transformam o sujeito, levando-o a se tornar quem é. Ou seja, o sujeito é tomado como inacabado, sempre um devir, algo que está para ser e que possui em si a potência de ser, mas, além disso, a potência de deixar de ser. Com efeito, para que possa realmente aprender e se transformar por meio dessas experiências, é essencial que o indivíduo abrace esse devir, essa potencialidade de vir a ser um outro si mesmo.

Além disso, é fundamental que se busque ir além da educação que lhe é ofertada, formando-se tanto para ser o melhor para o mundo, como também para si mesmo, percorrendo um caminho rumo a uma formação que seja o mais completa possível; que o leve a se tornar o que é, à medida que aprende coisas novas. Nesse processo, é fundamental que se faça presente a vontade do indivíduo, pois, sem essa vontade, apenas a existência da possibilidade de transformação não será capaz de agir sozinha, é preciso pôr essa potência em ação.

A esse respeito, Rocha (2016), ao tratar a educação como transformação, tomando como referência o pensamento de Nietzsche, considera essa educação como um constante processo de devir do indivíduo. Para aprender é preciso estar aberto a deixar de ser quem se é e se tornar um novo com os aprendizados e as experiências vivenciadas, processo esse que não é “apenas” educativo, mas vai de encontro à toda a existência do sujeito que está se transformando, suas vivências, seus encontros com o “outro”.

tornamo-nos quem somos não por manifestar uma essência dada desde sempre, mas pelo encontro com a alteridade, pela forma como assimilamos as experiências, como assimilamos a diferença, como nos transformamos no embate com as circunstâncias. [...] Sendo rigorosamente singular, um tal processo ultrapassa a dimensão pedagógica e ganha uma dimensão ética ou existencial (ROCHA, 2016, p. 7).

É nessa perspectiva que podemos situar o papel da literatura no processo de formação humana, como uma experiência fundamental que pode ser vivenciada pelo indivíduo no processo educativo. Quanto a isso, Santos (2014, p. 54) destaca um aspecto fundamental:

A literatura, em decorrência de suas qualidades, apresenta um grande potencial formativo que, muito embora não seja um ponto de fundamental exploração, está voltado às sensibilidades humanas, muito próximas ao nosso mundo interno. Por isso, também é considerada como humanizadora.

Tomamos desse trecho que esse papel formativo da literatura não é obrigatório, algo que está sempre presente, mas sim uma possibilidade, uma potencialidade, algo que pode ocorrer e tem grandes chances de que se realizam, pois, a literatura pode dialogar com questões fundamentais e oferecer reflexões que uma discussão inteiramente com bases em aspecto da realidade talvez não conseguiria.

Além disso, a literatura pode atingir um nível da sensibilidade humana acessível apenas (ou mais facilmente) por meio desse mundo que, sendo constituído por pessoas e situações fictícias, abre todo um novo leque de pensamentos e potencialidades que podemos fazer uso em nossas vidas.

E tudo isso se constitui mediante várias fantasias, elaboradas ante o confronto entre personagens ficcionais e nossas experiências de vida, alimentados por hábitos individuais, culturais e disposições sociais [...] toda ficção só é ficção [...] porque podemos sair da dinâmica da vida cotidiana. Assim, só podemos viver essa realidade paralela porque, como humanos, nós temos a capacidade de criar, abstrair, imaginar. E esse distanciamento não é aleatório. Ele tem bases construídas no cenário da obra literária com personagens e enredos, em um processo que pode nos instigar a problematizar situações, justamente porque não as conhecemos amplamente e não possuímos respostas. E, com um olhar menos viciado em respostas prontas, o que nos poderá ocorrer é uma postura aberta a descobertas. E, para isso, a literatura é um terreno fértil. (SANTOS, 2014, p. 60)

Dentro da literatura podemos encontrar os mais diversos tipos de conhecimentos, de maneiras variadas e talvez traçando um caminho de mais fácil compreensão do que se eles nos fossem apresentados apenas por meio de textos científicos, pois, como bem colocado por Barthes (2007, p.18): “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”.

A literatura de ficção especificamente, apesar de em determinados casos contar uma história que está distante de nosso mundo real, em especial quando tratamos de obras de “Alta Fantasia”, onde até mesmo o mundo em que a história se passa é inteiramente fictício, não deixa de abordar questões próximas de nossas vivências e problemas reais, trazendo para elas um ponto de vista diferente e que pode servir para nos fazer refletir sobre tais questões de maneiras que talvez não fôssemos capazes, caso estivessemos abordando-as tomando como base apenas em nossa realidade.

É a partir desse olhar que nos aproximamos de *Crônicas* e mais especificamente da jornada do personagem Jon Snow, descrevendo e contextualizando alguns pontos relativos ao universo e aos personagens da história e em seguida analisando essas questões a partir do referencial teórico adotado.

#### **4. Experiência de Jon Snow entre a Patrulha e os Selvagens**

A função central da Patrulha à qual o personagem Jon Snow está vinculado no momento da história que analisamos é combater os “*selvagens*” pelos habitantes de *Westeros*. Trata-se de um povo que possui costumes, cultura e em grande parte até idiomas diferentes deles, sendo

por isso considerado “selvagem” pelos habitantes dos sete reinos, embora entre si eles se denominam como “povo livre”. Nas histórias contadas, a Muralha foi construída a milhares de anos com o objetivo de impedir a passagem de criaturas mágicas e perigosas, porém, como tais criaturas não são vistas há milênios, essas histórias são consideradas meras lendas e mitos. Por causa disso a Patrulha, que já foi uma organização grandiosa e prestigiada, possui no momento narrado recursos escassos e poucos membros, dos quais a maioria são criminosos condenados que tiveram como opção de pena servir na Muralha ao invés de serem condenados à morte ou à perda de algum membro (a mão, por exemplo, no caso de ladrões).

Assim, o respeito que essa ordem já teve um dia decaiu bastante, tendo ainda alguma importância apenas para o povo da região norte de *Westeros*, que tem contato mais direto com os *selvagens* que ocasionalmente ultrapassam a Muralha, vistos como uma ameaça à sua segurança. O restante do reino considera a Patrulha apenas uma colônia penal.

Durante um determinado período Jon convive com os selvagens, incumbido da missão de convencê-los de que traiu a Patrulha, com a tarefa de espionar seus planos e, se possível, matar o “rei para lá da muralha”, um personagem misterioso que conquistou bastante influência entre o povo livre, levando-os a uma união poucas vezes vista na história e sendo considerado uma ameaça real à Patrulha e ao reino como um todo.

Nessa convivência, Snow realiza diversos aprendizados sobre aquele povo e seus costumes, percebendo que eles possuem particularidades, mas no final das contas são mais parecidos com os nortenhos do que ele imaginava e, acima de tudo, estão apenas buscando alguma maneira de garantir a própria sobrevivência. Esse conhecimento, em um ponto mais avançado da história e também por motivos adicionais, o levará a abrir os portões e acolher todos os selvagens que concordarem em viver pacificamente ao sul da Muralha.

#### **4.1 Conflitos que envolvem o personagem entre esses dois “povos”**

Essa história se passa em uma sociedade onde, assim como em nosso mundo, questões políticas e morais são centrais, porém, isso não necessariamente significa que os sujeitos que ali habitam sigam códigos morais rígidos. Muitos dos personagens, em algum ponto de suas trajetórias, acabam se encontrando em situações que requerem escolhas difíceis e até mesmo “erradas”, em prol do que acreditam ser o melhor para si mesmos ou para a causa que defendem.

Em seu texto voltado para a discussão sobre ideologia e virtudes nas *Crônicas*, Oliveira (2016), ao falar sobre o personagem Jon Snow, aponta que, em meio ao isolamento generalizado da Patrulha, ele acaba ficando ainda mais isolado em relação aos seus “irmãos” patrulheiros,

dos quais a maioria está lá cumprindo punição por algum crime. Para Oliveira (2016, p. 107), Jon Snow

é retratado exatamente dessa forma: separado, isolado e rígido. Sua relação com seus votos à Patrulha da Noite, com a casa Stark e com seus novos irmãos de ordem são fontes dos conflitos que alimentam sua trama e o constroem como um dos “melhores” personagens no que diz respeito ao desenvolvimento individual. Sua colocação é tal, que frente aos Outros, Jon se torna pouco a pouco uma figura de salvador, de redentor.

Isso indica que o personagem pode até ser encarado como um possível “herói” da história (ao menos no que diz respeito à luta contra os *Outros*<sup>12</sup>), apesar da grande variedade de “protagonistas” que a saga possui e de sua tendência de fugir da definição de linhas claras de bem e mal em seus personagens e tramas. Apesar disso, Jon, mesmo tendo feito votos perpétuos de comprometimento à Patrulha, inicia sua jornada como um típico adolescente que ainda não sabe qual o seu lugar no mundo e como agir adequadamente diante dos desafios que são postos diante dele.

Tratando especificamente dos acontecimentos presentes no livro três das *Crônicas, Tormenta*, temos em boa parte desta obra Jon convivendo com os selvagens, cumprindo a missão da qual foi incumbido por um patrulheiro mais experiente, no final do livro anterior, de fingir que havia desertado da Patrulha para se unir aos selvagens, com a intenção real de espionar e descobrir informações a respeito da estratégia de ataque que eles estariam adotando, e posteriormente fugir com essas informações, a fim de auxiliar na defesa da muralha. Jon é bem sucedido em sua farsa, apesar de nem todos os selvagens confiarem nele, e assim ele é aceito pelo grupo e convence até mesmo o próprio rei para lá da muralha.

Ao longo dessa trama vemos Jon repetir diversas vezes para si mesmo que está ali apenas pela missão e que, assim que descobrir alguma informação valiosa e tiver uma oportunidade, irá fugir de volta para a muralha. O personagem reafirma internamente que nunca deixou de ser um verdadeiro homem da Patrulha, porém, em sua relação com a personagem Ygritte, temos alguns relances de dúvida.

Ygritte é uma jovem selvagem que, anteriormente, foi mantida cativa de Jon por um breve período enquanto ele ainda estava com um grupo de patrulheiros. Snow, pelas “regras” da Patrulha, deveria tê-la matado, como fizeram com outros dois selvagens dos quais ela estava

---

<sup>12</sup> Os Outros são criaturas místicas que, entre outras coisas, possuem o poder de ressuscitar os mortos (tanto pessoas como animais) e transformá-los em seus servos, de maneira semelhante a zumbis, além de só poderem ser feridos ou mortos por meio de armas feitas com materiais específicos e que existem de maneira escassa no reino. Apesar de serem considerados pela grande maioria dos personagens seres mitológicos que talvez nunca tenham existido, vemos logo no início da história que eles não apenas são reais, mas estão retornando e prometem ser a grande ameaça a ser enfrentada pelo reino e até pela humanidade.

junto, porém, ele não foi capaz de fazê-lo e permitiu que ela fugisse, o que posteriormente o ajuda, pois, quando ele tem de atuar como desertor, ela lhe dá um voto de confiança, falando em sua defesa diversas vezes perante alguns chefes de povos selvagens que duvidam da veracidade de suas palavras.

Logo percebemos que Ygritte possui uma atração romântica por Jon, sentimentos que o rapaz compartilha, porém, reluta agir nesse sentido por não querer descumprir mais votos da Patrulha. Posteriormente, acaba sendo “obrigado” pelas circunstâncias a se envolver com ela, de modo a convencer mais claramente os que não confiam nele, de que realmente está do lado do povo livre.

É importante destacar que a personagem acaba construindo quase como um bordão: “você não sabe de nada, Jon Snow!”. Frase que repete diversas vezes, em diferentes ocasiões, mas sempre para deixar clara a falta de conhecimento do jovem bastardo sobre os costumes dos selvagens. Jon aceita sua falta de conhecimento, demonstrando-se sempre aberto a aprender mais sobre aquele povo, seja pela espionagem de sua missão, seja por mera curiosidade e as coisas que ele aprende são cruciais para o desenrolar de sua história e a “aceitação” posterior dos selvagens.

Futuramente, após se tornar comandante da Patrulha, ele reflete sobre Ygritte e sobre o confronto com os *selvagens* e a sobrevivência em relação aos Outros diversas vezes, relembando e “abraçando” o seu “não saber de nada”. Percebe que é apenas na compreensão da sua falta de conhecimento que pode tornar-se capaz de se abrir para os novos aprendizados e transformações que são essenciais para as duras tarefas que precisa desempenhar. É nesse sentido que compreendemos o sentido da transformação e sua relação com o não saber, como posto por Rocha (2016, p. 7)

Concebida como formação, a educação pressupõe o saber e o conhecimento: evidentemente, só se pode ensinar o que se sabe. Do ponto de vista de uma lógica da transformação, ao contrário, "o que se sabe" é precisamente o que deve ser superado, problematizado. A transformação implica um certo espaço para o não saber, pois transformar-se é ser capaz de abrir mão do que se sabe, de deixar de ser aquele que sabe para experimentar o desconhecido

Apesar de seus esforços internos para nunca deixar de ser integralmente um membro da Patrulha, Jon se percebe nutrindo sentimentos cada vez mais fortes pela jovem e, mesmo que nunca deixe que esses sentimentos realmente entrem no caminho de sua missão e de seus votos, ele chega a ficar balançado e, mesmo que por breves momentos, se deixa tomar pela paixão que sente.

Ao final, Jon retorna para a Patrulha, mas lá se encontra ainda mais deslocado do que antes; a experiência com o povo livre o marcou e o fez passar a enxergar determinadas questões de maneira diferente, mesmo que não tanto para se opor ao confronto com o “exército” selvagem que, finalmente, alcança a muralha. Isso revela um processo de devir, uma transformação lenta e custosa que não teria como ser simples, tendo em vista como o livro nos diz, de maneira repetitiva, que ele “não sabe de nada”, seja por meio de outros personagens, geralmente do povo livre, ou por seus próprios pensamentos.

#### **4.2 Questões de responsabilidade e moral no desenvolvimento de Jon**

Ao longo de *Dança*, quinto e até então último livro das *Crônicas*, ao ser incumbido da missão de ser o novo lorde comandante da Patrulha, Jon precisa tomar diversas decisões difíceis, o que já seria próprio desse trabalho. Porém, levando em consideração o contexto em que se encontram os personagens nesse momento da história, com a crescente ameaça dos *Outros*, suas decisões e sua liderança possuem um peso e uma importância ainda maior. E, considerando também o tempo que passou convivendo com o povo livre, ele chega de maneira “lógica” à conclusão de que é preciso abrir os portões da muralha e deixar os selvagens adentrarem o reino, desde que eles abandonem suas armas e façam juramentos de paz e de viver dentro das leis comuns dos sete reinos.

Mas essa decisão tomada pelo próprio Jon é antecedida por uma obrigação que ele recebe do “rei” Stannis Baratheon, que é um dos pretendentes ao trono pois, nesse ponto da história, após várias guerras e rebeliões, ainda restam dois autoproclamados reis em *Westeros*, com o qual a Patrulha possui uma certa dívida, pois ele foi o único lorde que marchou para o norte para auxiliá-los no combate com os *selvagens*, sendo sua força decisiva para a vitória.

O rei exige que seja permitida passagem pela muralha para todos os selvagens que prometerem fidelidade a ele, além de demandar também algumas terras que historicamente pertencem à Patrulha há séculos, mas que há bastante tempo não estavam sendo utilizadas adequadamente, com o que Jon concorda.

Em meio a tudo isso, Stannis oferece a Jon, repetidamente, que jure lealdade a ele e abandone seus votos da Patrulha, pois como rei, ele possui o poder de perdoar essa deserção e “transformá-lo” em Jon Stark, herdeiro legítimo de *Winterfell*, centro do poder da região norte de *Westeros* que, após a morte de todos os filhos homens legítimos de lorde Eddard, se encontra abandonado.

Jon fica abalado pela ideia, pois, mesmo que involuntariamente, sempre sonhou em herdar posses e ser um senhor importante. Porém, ele decide se manter fiel aos seus votos, percebendo que aceitar esta oferta seria uma traição múltipla: para a memória de seus falecidos irmãos, para sua irmã, Sansa, ainda viva e herdeira por direito do castelo e, logicamente, traição contra a Patrulha. Com isso, o personagem demonstra uma mudança significativa, ao perceber mais do que nunca que seu lugar é na Patrulha e que as disputas pelo poder no reino são menos relevantes do que a batalha pela existência da vida humana que está para ser travada.

Porém, em um ponto mais avançado da história, já próximo do final de *Dança*, quando confrontado com a informação de que sua irmã mais nova, Arya, estaria sendo mantida presa por um novo e cruel lorde nortenho que deseja para si o poderio central da região, Jon acaba decidindo contrariar seus votos e agir em prol de auxiliar sua irmã, recrutando os selvagens que salvou para o auxiliar nessa missão.

Isso pode ser visto como uma atitude contraditória, mas também pode ser encarado como mais uma etapa complexa do processo de devir do personagem; ele estaria traindo sua posição na Patrulha, traindo o que havia se tornado e retornando a um desejo impulsivo de defender sua família. Podemos trazer Nietzsche (2001) para nos ajudar a pensar nessa questão, quando o filósofo afirma:

Tal como no reino dos astros, dois sóis costumam determinar a órbita de um planeta, como em certos casos um planeta é iluminado por sóis de diferentes cores, ora vermelhas, ora verdes, ora com as cores misturadas, da mesma forma, nós, homens modernos, graças à mecânica complicada do nosso firmamento — estamos determinados por diferentes morais; as nossas ações refletem as diversas cores, às vezes aparentam uma só cor — e em certos casos apresentamos todas as cores. (NIETZSCHE, 2001, p. 140-141)

Neste ponto, podemos considerar que Jon está apresentando concomitantemente algumas de suas diversas “cores”, confrontando morais conflitantes e sobrepondo o amor que sente por sua irmã e pela família em que cresceu aos deveres com os quais foi incumbido e que vinha desempenhando de maneira considerada controversa. É sem dúvidas uma situação delicada, na qual o personagem precisa obrigatoriamente abrir mão de um de seus “lados” em prol de outro, sem pesar apropriadamente as consequências e proporções que essa ação pode tomar.

Essa decisão poderia até nos levar de volta à ideia de que ele “não sabe de nada”, mas, no fundo, apenas o consolida como alguém cujo processo de transformação está de fato em constante realização. Caso ele ignorasse a situação de perigo em que se encontra sua irmã e continuasse prontamente com seus deveres como comandante da Patrulha, poderíamos pensar que a mudança do personagem atingiu um certo “limite” e que ele se tornou em definitivo o

que vinha já caminhando para ser: alguém integralmente dedicado à Patrulha e à guerra contra os Outros.

Tratando sobre o dilema do “perdão” aos selvagens, para Jon, que conviveu com eles, suas palavras e atitudes de rendimento e aceitação das normas impostas bastam para que eles sejam aceitos no reino, pois ele está pensando na ameaça dos *Outros*, um problema maior do que a rivalidade da Patrulha com os selvagens, mas boa parte de seus homens não pensa da mesma maneira. Considerando essa como uma questão moral, do que é tido como ação correta em determinada situação, o que precisa ser feito, recorremos a Nietzsche (2001, p. 144):

Toda moral altruística que, por querer ser incondicionada, quer abarcar a tudo sem distinções, não peca somente contra o bom gosto, mas além disso e bem mais que isso, é um incitamento aos pecados de omissão, uma sedução a mais sob a máscara da filantropia — e particularmente apta a seduzir e danificar os homens mais elevados, mais raros e privilegiados. É preciso forçar a moral a curvar-se diante da hierarquia, é necessário abater a sua prepotência e colocar definitivamente a claro que é imoral afirmar que: aquilo que é justo para um deve ser também para outro.

Uma moral “altruística e incondicionada” pode não ser algo tão bom quanto parece; não é tarefa simples tentar fazer o bem para todos simultaneamente e até mesmo a bondade precisa ter limites e considerar a realidade em questão. É nisso que falha Jon Snow quando decide, de maneira unilateral, fazer o que acredita ser correto, não levando tanto em consideração uma inimizade que existe a séculos e possui problemas bem recentes, como o jovem garoto recentemente admitido na Patrulha, que teve sua família assassinada por um grupo de selvagens, além de tantos outros em ambos os grupos que perderam entes queridos em meio a essa disputa.

Por mais que o leitor possua mais condições de compreender suas intenções, inclusive tendo conhecimento de seus pensamentos, é preciso compreender também que nada muda da noite para o dia e que, como assinalado por Nietzsche acima, “é imoral afirmar que: aquilo que é justo para um deve ser também para outro”.

#### **4.3 Reflexões acerca do “agir corretamente” em situações de conflito**

A questão da existência de atitudes “corretas” dentro da trama é destacada por Vaught (2015), que destaca o fato da iminente chegada do Inverno, que promete trazer consigo morte e destruição por meio da ameaça dos *Outros* e, assim, as atitudes consideradas erradas dos personagens irão receber eventualmente algum tipo de punição, independente do motivo que os levou a cometer esses erros, pois o correto, nesse contexto, é o que irá buscar a unidade do povo em prol do enfrentamento de uma ameaça maligna e sobrenatural, enquanto as atitudes erradas

são as que possuem uma motivação egoísta, por mais que esse egoísmo esteja disfarçado de um respeito ao seu código de honra interno.

Personagens que se envolvem em assassinatos, crueldade e sadismo, egoísmo ou narcisismo malignos, atos desonrados, desonestos e obsessões com frivolidades, como intrigas políticas, agem não somente contra os indivíduos, mas contra a própria sociedade. Aqueles que não conseguem entender que o Inverno está chegando — quem não reconhece que deve deixar de lado preocupações menores e qualquer má conduta que represente um empecilho na preservação do reino — representam o mal em Westeros. Pecam contra a unidade necessária para sobreviver à escuridão que está vindo, seja em um nível tal que se torna imperdoável, ou menos extenso, com uma recusa em compreender a gravidade de seus erros. (VAUGHN, 2015, p.75)

Quando se torna comandante, Snow passa a ter responsabilidades e deveres muito maiores do que antes e, conseqüentemente, precisa tomar decisões que considera desagradáveis, pois isso é necessário pela posição em que ele agora se encontra. Ele segue cada vez mais agindo de acordo com sua moral interna, entrando até em contradição com a moral e tradição do meio social em que está inserido, mas sempre em busca do objetivo maior naquele momento: a sobrevivência de todos os habitantes do reino.

Já no início de *Dança*, torna-se evidente para Jon que terá que tomar essas decisões desagradáveis e que, além disso, não pode mais manter a amizade com seus companheiros da maneira que a tinha anteriormente, sua posição e o contexto em que está inserido exigem dele um nível maior de dureza e comprometimento que inevitavelmente o separa dos demais, deixando-o até isolado. Aqui entra novamente a figura do *meistre* Aemon, aconselhando-o a “matar” o seu “menino” interior e crescer para encaixar-se no cargo que agora ocupa.

*É preciso um homem para governar. [...] Você terá poucas alegrias com seu comando, mas penso que terá forças para fazer as coisas que precisam ser feitas. Mate o menino, Jon Snow. O inverno está quase sobre nós. Mate o menino e deixe o homem nascer.* (MARTIN, 2012, p. 95)

Assim, após suas experiências, Jon se transforma, cresce e adquire ferramentas para ir além da moral tradicionalmente concebida, desenvolvendo uma moral própria e agindo de maneira radical em busca de um final que objetiva a salvação coletiva, um coletivo que não inclui apenas os seus semelhantes, mas também o povo do qual até pouco tempo ele tinha como inimigos mortais.

Quanto a isso, podemos afirmar que nas escolhas polêmicas realizadas pelo comandante Snow, ele está buscando um bem maior, apesar de fazê-lo por um caminho tortuoso, mas, apesar dos protestos de seus irmãos patrulheiros, ele segue firme em seu propósito, considerando corretas e necessárias as suas atitudes (ou em alguns casos meramente torcendo para que sejam), mesmo que contraponham o tradicionalismo e as vontades da maioria de seus semelhantes.

Isso não o impede de cometer erros e pode-se considerar que ele os comete em abundância em sua jornada como comandante da Patrulha ao longo de *Dança*. Como já destacado, Jon toma decisões polêmicas a fim de salvar os *selvagens*, frequentemente o fazendo com pouca ou nenhuma consulta dos demais membros da Patrulha, inclusive os mais experientes. Além disso, após tomar a decisão de, aos poucos, ocupar os demais castelos presentes ao longo da Muralha<sup>13</sup>, ele envia para comandar esses castelos homens de sua confiança, o que faz sentido, porém, ao agir assim, ele se isola ainda mais, ficando à mercê daqueles que não concordam com suas decisões.

Considerando esse cenário, e independentemente de o personagem agir de maneira acertada ou não, observa-se um momento de transformação dele. Pode-se mesmo afirmar que Jon Snow sucessivamente “mata o menino” e toma as decisões mais difíceis, pois acredita ser o necessário a fazer para atingir o objetivo final: proteger o reino dos homens da ameaça sobrenatural que pode atacar a qualquer momento, colocando toda a vida em risco.

A partir dessas reflexões sobre as experiências vivenciadas por Jon Snow, as ações que ele realiza em face às situações pelas quais passa, abordaremos a seguir o significado dessas questões no âmbito educacional, refletindo também sobre o papel da literatura na compreensão de tais questões.

## 5. Literatura e transformação: sentidos da experiência de Jon Snow

A trajetória de Jon Snow nos permite compreender que a literatura tem a potencialidade de abrir caminhos para conhecimentos e experiências que, sem ela, talvez o leitor não chegasse a acessar. Quanto à literatura fantástica, Todorov (1975, p.16) afirma: “O conceito de fantástico se define, pois, com relação ao real e imaginário”; trazendo aí uma noção de que esse “fantástico” é algo que se distancia do nosso mundo, indo na direção do imaginado e, assim, abrindo possibilidades amplas e diversas para as histórias que podem ser contadas.

Para pensar no sentido da transformação resultante da experiência do leitor no encontro com as obras literárias, é preciso destacar um pouco mais o significado que atribuímos à educação. Quanto a isso, a leitura proposta assume as contribuições da filosofia de Nietzsche, a partir do viés anunciado por alguns autores citados (ROCHA, 2016; VON ZUBEN, 2013) que aproximam as ideias desse pensador da problemática educativa, especificamente o conceito de educação como *transformação*. Essa perspectiva reconhece que o indivíduo está em

---

<sup>13</sup> Ao todo são dezenove, mas, nesse ponto da história, apenas três estão ocupados.

constantemente *devenir*, não sendo meramente moldado pela ação educativa, embora ela possa agir de modo a potencializar características únicas a cada sujeito, como bem colocado por Von Zuben (2013, p. 85), ao assinalar o que seria uma educação nietzschiana:

A educação nietzschiana não é voltada para uma formação, mas sim prima pela transformação. Ou seja, seu intento não seria modelar os homens, agindo como uma espécie de fôrma que, na verdade, acaba aniquilando as individualidades e originando homens iguais, comuns, ele não visa padronizar, nivelar, uniformizar. Ao contrário, a pedagogia de Nietzsche está mais voltada para a tarefa de potencializar a ação, a originalidade, a criação, despertar, fazer eclodir e explodir as forças e características mais singulares.

Assim, Von Zuben (2013) considera que o pensamento nietzschiano toma a educação e a transformação como atos contínuos e constantes de estar sempre buscando se tornar o que se é, sempre mudando, sempre movendo-se em direção à si mesmo, mas um “eu” diferente do que se tinha até então, pois “o ‘tornar-se o que se é’ passa por um processo de investigação, reavaliação, desconstrução e reconstrução de valores, pensamentos etc., ou seja, é uma libertação e uma perene transformação” (VON ZUBEN, 2013, p. 86). O autor deixa claro essa ideia de continuidade da ação transformadora de si mesmo realizada pelo indivíduo.

É essencial pensar o que se quer dizer com essa educação e de onde ela deve partir. Concebemos a educação como algo que não é realizado apenas no âmbito “formal” do ambiente escolar, mas desenvolvida constantemente em todas as esferas da vida do indivíduo. Não se “liga uma chave” na cabeça do sujeito quando ele entra no ambiente educacional e a “desliga” quando sai daquele local, em todo o contexto da vida as pessoas estão sujeitas a aprendizados dos mais variados, ocorram eles por meio de experiências, de mentores intencionais, ou por qualquer outro meio.

Como apresentamos ao longo do trabalho, o jovem Jon Snow em momento algum vai à escola, instituição que sequer existe naquele contexto, todo o seu aprendizado se dá por meios “informais”, ou seja, as experiências que vivencia e as pessoas com as quais se relaciona. Na sociedade contemporânea isso pode ser também observado, pois nenhuma criança, independente de sua idade, chega na escola sem saber de nada, ela já carrega consigo saberes construídos com a família, amigos ou grupos sociais que frequenta, saberes esses que podem até ser conflituosos com os que terá contato no âmbito da educação formal.

Dessa forma, cabe ao educando balancear esses aprendizados, buscando conectá-los quando possível e, quando não, selecionar os que considera mais úteis para seu contexto social. Cabe também ao educador considerar aqueles que possibilitam uma melhor inserção no mundo. Nesse cenário, é tarefa do educador considerar conhecimentos prévios dos alunos contribuindo para uma melhor inserção deles no processo educativo.

É nessa perspectiva que podemos afirmar a centralidade da ética na experiência educativa, seja quanto a essa relação com os educandos, seja quanto ao que se espera do processo formativo. Dessa forma, é essencial reconhecer a ética como cerne da educação, pois a sociedade como um todo só poderá avançar caso os indivíduos que nela vivem avancem também, o que pressupõe a educação. Para isso, a ação educativa precisa ir além das teorias; considerar os contextos locais; pensar no desenvolvimento da sociedade e ter bem definidos seus objetivos, pois sem um planejamento claro dificilmente se concretizará alguma transformação nesse sistema e em seus sujeitos e agentes.

A atividade educativa nunca é puramente teórica; envolve decisões e ações de bases éticas e técnicas nem sempre expressas. Cursos são programados, programas de aprendizagem são propostos, muitas vezes sem consciência plena dos objetivos, da natureza e da finalidade da ação pedagógica. A educação, como a moral, tem a função de humanizar o ser humano, de realizar o bem comum do indivíduo e da coletividade. Sob esse enfoque, ela é essencialmente ética. (PAVIANI, 2012, p. 114)

Quanto a isso, a narrativa em questão oferece significativos elementos de auto compreensão para a nossa experiência pessoal e da realidade social. Assim, para pensar na questão da incapacidade de aceitação do povo livre demonstrada por boa parte dos membros da Patrulha (e do reino de modo geral), Nietzsche (2001) nos fala de um sentimento que denomina de “medo ao próximo” e que se contrapõe ao “amor ao próximo”, chegando até a ser mais forte que ele. Por mais que os homens da Patrulha pudessem enxergar o povo livre como seres humanos, assim como eles, que precisavam se proteger dos *Outros* e, mais ainda, evitar que essas pessoas ficassem ao alcance desse inimigo sobrenatural e quase indestrutível, e facilmente virar números somados ao exército dele, as animosidades (do passado e do presente) acabam falando mais alto e impedindo que se construa uma conexão, uma aceitação entre eles. É nessa perspectiva que se compreende a afirmação de Nietzsche (2001, p. 113):

o "amor ao próximo" é quase sempre coisa secundária, convencional por um lado, e arbitrária por outro, se comparado com o medo ao próximo. Uma vez que a estrutura da sociedade parece ter boas bases ao abrigo de perigos exteriores, esse medo ao próximo abre aos juízos morais perspectivas novas, instintos fortes e perigosos.

A questão evidenciada pela Literatura se faz presente em nosso mundo e podemos relacioná-la, por exemplo, aos casos de repulsa a estrangeiros, em grande parte pessoas que estão fugindo de guerras em seus países de origem, buscando refúgio em outras nações. Esse fenômeno que, apesar de não ser recente, parece ocorrer de maneira mais exacerbada na sociedade atual, marcada por crises econômicas constantes e uma forte presença de políticos que ascendem ao poder fazendo uso de discursos nacionalistas e populistas em diferentes países.

Além do paralelo com a problemática da imigração, podemos pensar também em outra relação também bastante comum, onde indivíduos possuem medo (ou as vezes ódio) de outros indivíduos que são de sua mesma nação, mas revelam outras diferenças diversas, tais como raça, religião, orientação sexual, classe social, etc. Um provável sentimento de “amor ao próximo” pode existir, mas apenas dentro de membros de uma mesma comunidade, que possuam mais características em comum; aos “diferentes” resta apenas o medo, a aversão, que frequentemente chega à extremos de violências das mais diversas.

Onde se encaixa a “moral” nessa aversão ao próximo? No sentido de se construir uma sociedade que beneficie apenas os membros de determinados grupos, em detrimento dos demais, o que, de certo modo, é inevitável, mesmo considerando a vida em uma sociedade democrática pois, mesmo que algo agrade a maioria, ainda haverá parcelas insatisfeitas.

Nesse cenário é importante encontrar e traçar uma linha entre o que significa não agradar a todos os grupos, para que a negação da diferença não se transforme em desrespeito, em ameaça à vida de pessoas que não estejam de acordo com os parâmetros vigentes. Sendo impossível agradar a todos, é preciso buscar o caminho do diálogo, para que a vida em sociedade possibilite uma existência digna a todos. Dessa forma, e retornando às *Crônicas*, é nessa conciliação que Jon tenta acertar, em nome do bem maior, porém falha e é vítima de sua própria incapacidade. É também nisso que precisamos, como indivíduos e como sociedade, tentar não falhar, não desconsiderar as vivências e necessidades alheias às nossas, mesmo que se acredite agir em prol de um “bem maior”, pois dificilmente pode haver algo que seja inteiramente comum a todos.

## **6. Considerações finais**

A experiência de transformação de Jon Snow que se manifesta ao longo da jornada do personagem, fica mais evidente quando percebemos a superação de um pensamento ingênuo e conservador que ele possuía a princípio, compartilhado com os demais sujeitos ao seu redor, partindo para uma moral própria e “revolucionária”. Essa fuga da moralidade tradicional revela-se em alguns contextos necessária, como assinala Weber (2011), discutindo questões de moral e educação no pensamento nietzschiano. Para o autor, a moralidade da tradição, apesar de parecer tentadora, é conservadora e até tirânica, pois não deixa aberto espaço para um pensamento individual, para uma renovação dessa própria moral, permitindo apenas que se faça o que é ordenado pela tradição, sem uma reflexão a respeito disso. Por mais que se pareça estar fazendo o que é melhor e mais útil, provavelmente não se tem as ferramentas necessárias para

pensar e discutir se aquilo o é realmente, quando apenas segue-se o caminho da moral e da tradição sem questionamentos.

Assim, o ponto da história em que Jon, como comandante da Patrulha, considera intervir em assuntos do reino (o que é proibido) para tentar salvar sua irmãzinha Arya, deixa claro que há nele espaço para mudanças, mesmo que elas sejam vistas como uma certa regressão e negação de certos aprendizados; ele aprendeu e se transformou, disso não há dúvidas, mas mudanças não são permanentes e nem o devem ser, pois o ser humano está invariavelmente em um constante processo de devir e as vezes pode aparentar que o que se está tornando não seja necessariamente alguém “melhor”, apenas diferente do que se acreditava ser anteriormente.

Mesmo depois de tudo que fez e pelo que passou em sua jornada, em especial em *Dança*, suportando as atribulações de comandar a Patrulha em um momento tão delicado, pode-se ver novamente, como no começo da história, um Jon Snow capaz de agir pelo impulso quando se trata de proteger sua família Stark, corroborando a transformação perene pela qual o ser humano deve passar em seu processo educativo.

Desse modo, consideramos que Jon passa não apenas por uma única transformação ao longo da história, mas por diversas transformações, que o levam por vezes a tomar decisões consideradas mais inteligentes e maduras, mas também em alguns casos a se deixar levar por seu lado emocional, mesmo quando seu caminho e atitudes indicavam que ele já não seria mais alguém que age de maneira irracional.

Ele aprendeu, cresceu e se transformou, mas esse processo está evidentemente longe de se encerrar, posto que em constante ocorrência e sem seguir um parâmetro "linear" que poderia ser esperado de um personagem tradicional. Ele segue linhas de um processo educativo em movimento, realizado por um sujeito falho e incompleto, mas que, em sua incompletude e em suas falhas, deixa claro que está se transformando, mas sem esclarecer se essa transformação possui um objetivo, uma finalidade para sua jornada.

Quanto a isso, a leitura realizada nos leva a compreender que apenas a intenção de agir bem e a confiança de que o está fazendo não bastam, o indivíduo precisa assumir a sua vontade de potência; buscar sempre se aprimorar e se transformar, tornando-se quem é de uma maneira que esse “novo eu” expresse o que foi realmente aprendido e o que mudou de maneira substancial, e não apenas supérflua. E, para que esse “novo eu” venha a existir, o “antigo eu” precisa ser abandonado, preferivelmente com todos seus vícios e imperfeições, que podem até dar lugar a vícios e imperfeições novas, se consideramos o ser humano como um ser imperfeito por natureza; não é porque a educação deve buscar sempre o máximo aprimoramento possível que a transformação em um ser plenamente perfeito ocorrerá.

O objetivo de um aperfeiçoamento humano se constitui dentro do possível, pois implica em admitir falhas, uma vez que elas nos tornam humanos, demasiadamente humanos. O que é necessário evitar é o apego aos erros do passado, pois, desse modo, o processo educativo e transformador não irá avançar. Permitamo-nos cometer novos erros, desde que se erre buscando o acerto e buscando reduzir a quantidade de erros. A eliminação completa dos defeitos pode ser impossível, mas é nossa tarefa, como educadores e educandos, buscar o menor mal e o maior bem possíveis dentro do contexto em que estamos inseridos, seguindo sempre em frente com nossa transformação, nosso devir.

Assim, finalizamos o trabalho reconhecendo a educação como um processo contínuo e inesgotável, onde temos sempre a possibilidade de vivenciar experiências transformadoras em todas as fases da nossa vida e por diversos meios, sendo um deles a literatura. Quanto a isso, destacamos a significativa relevância da literatura e da obra em questão na experiência educativa, na medida em que abre para o leitor a possibilidade de explorar em si mesmo as suas características, tendo-a como caminho, seja por meio de alguma inspiração criativa retirada dessa leitura, seja pela eclosão de diferentes modos de pensar e enxergar o mundo ou por tantas outras questões e potencialidades que podem surgir desse encontro entre leitor e obra.

## Referências

- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.
- GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, v. 2, p. 1-14, 2004.
- GOMEZJURADO ZEVALLOS, Veronica Pilar. **Derrida e a educação: o acontecimento do impossível**. 2014.
- MARTIN, George R. R. **A tormenta de espadas** / George R. R. Martin; tradução: Jorge Candeias. – São Paulo: Leya, 2011. (As crônicas de gelo e fogo; 3)
- MARTIN, George R. R. **A dança dos dragões** / George R. R. Martin; tradução: Marcia Blasques. – São Paulo: Leya, 2012. – (Coleções as crônicas de gelo e fogo; 5)
- NIETZSCHE, Friederich. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus livraria, distribuidora e editora s.a., 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado Humano: um livro para espíritos livres**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- OLIVEIRA, Gabriel Maia de. **“O inverno está chegando”: uma análise da ideologia e das virtudes nas crônicas de gelo e fogo** / Gabriel Maia de Oliveira. - João Pessoa, 2016.
- ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação**. ACTAS, v. 3, 2016.
- SANTOS, Helen Regina Freire dos. **A Educação, a Literatura e o percurso de um espaço extraterritorial de possibilidades formativas** / Helen Regina Freire dos Santos. – Recife: O autor, 2014.

- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1975.
- VAUGHT, Susan. **O Custo Brutal da Redenção em Westeros**. In: LOWDER, James (org.). **Além da muralha: explorando o universo de As crônicas de gelo e fogo, de George R. R. Martin** / organização de James Lowder; tradução de Marcia Blasques. – São Paulo: Leya, 2015.
- VON ZUBEN, Marcos de Camargo et al. Nietzsche e a educação:: autonomia, cultura e transformação. **Trilhas Filosóficas**, v. 6, n. 1, p. 71-93, 2013.
- WEBER, José Fernandes. Crítica à moral e educação: sobre o espírito livre de Nietzsche. **Educação**, v. 34, n. 1, p. 65-74, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO PEDAGOGIA-LICENCIATURA



**“EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NA LITERATURA FANTÁSTICA :  
REFLEXÕES A PARTIR DA JORNADA DO PERSONAGEM JON SNOW EM  
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO”**

ANDERSON FERNANDES SILVA DE ALBUQUERQUE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Corpo Docente do Curso de PEDAGOGIA —  
Licenciatura do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco e  
APROVADO em 04 de novembro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Betânia do Nascimento Santiago  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Nélio Vieira de Melo  
(Examinador)

---

Prof. Ms. Fábio Medeiros Cordeiro  
(Examinador)